

VILELA, Ana Luísa et al. (Org.). *Florbela Espanca: o espólio de um mito*. Lisboa: Edições Colibri, 2012, 361 p. [*Callipole, revista de cultura*; 21].

Iracema Goor Xavier*
poetagoor@yahoo.com.br
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Atualmente, Florbela Espanca (1894-1930) tem transcendido sua posição de mito literário em Portugal, arrebatando simpatizantes em várias partes do mundo. É fato incontestável que sua poética se tornou marco referencial da poesia portuguesa do século XX. Conhecida popularmente como a poeta do amor, da sensualidade, da libertação dos instintos, é surpreendente que, de certo modo, a Florbela escritora ainda tenha poucos estudos desenvolvidos na cena literária.

A obra que aqui se apresenta é o resultado do esforço dos organizadores Ana Luísa Vilela, António Cândido Franco, Maria Lúcia Dal Farra e Fábio Mário da Silva, respeitados pesquisadores da obra da Poeta Florbela Espanca. O livro é organizado em 32 textos que, em sua grande maioria, provém do Colóquio Internacional Florbela Espanca - realizado entre os dias 6 a 8 de dezembro de 2011 em Vila Viçosa (terra natal da poeta) - além de outros textos ensaísticos e literários que corroboraram o mesmo objetivo. Por ser uma obra de vários autores, é possível encontrar e confrontar diferentes perspectivas sobre a poeta, em que nos é apresentada, além de sua poética, uma Florbela que escreve contos, cartas, diário e traduções.

O texto inaugural do livro - de Ana Luísa Vilela - nos leva, com sensibilidade e mestria, a conhecer os caminhos que serão percorridos e as diferentes vias de reflexão que nos oferece a obra da Poeta. É interessante notar que o livro não se preocupa em seguir uma sequência de capítulos, permitindo que o leitor tenha

* Especialista e mestra em Literatura e crítica literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

liberdade na leitura e análise da obra e que, em simultâneo, possa relacionar áreas temáticas e cruzar indicadores.

Não é exagero afirmar que *Florbela Espanca*: o espólio de um mito reúne um dos melhores grupos de pesquisadores e estudiosos sobre Florbela Espanca. É o que existe de mais novo e atual. Prima pela bela apresentação e, principalmente, porque desfaz todo e qualquer resquício das impressões de outrora, produzidas pelos censores de plantão que não souberam compreender sua obra ao criticá-la em nome da moral e dos bons costumes. Aqueles que um dia afirmaram que a obra de Florbela se funde com a sua própria vida serão desmascarados nas páginas deste livro. Concordo com as sábias palavras de Antonio Ferro (1931): “Pois foi possível que esta admirável rapariga, que não escreveu um verso sem talento e sem alma, tivesse nascido, vivido e morrido numa terra de poetas, sem que ninguém a tivesse visto, sem que ninguém a tivesse gritado?”¹ Por certo, não a viram, porque não iriam permitir que uma mulher ocupasse uma posição de destaque que, até então, só era permitido ao homem. Florbela rompe com o *status quo* de seu tempo e escandaliza uma sociedade, predominantemente machista, que não dava voz à alma feminina.

A grande contribuição desse trabalho é colocar Florbela Espanca no seu lugar devido, divulgando sua obra, e destacando-a como uma mulher multifacetada e de ousadia literária, bem adiante do seu tempo. Uma poeta que, inconformada com os fatos reais da vida, soube como ninguém fazer versos que falam da difícil arte de viver, elevando-a, sem dúvida, à categoria dos grandes gênios de nossa literatura.

É um livro que atende a todos os públicos: desde os que fazem parte do círculo literário, podendo utilizar esta obra como uma importante fonte de pesquisa, até ao próprio leitor comum que ficará maravilhado frente às análises feitas por especialistas de renome, que dão um gosto de “quero mais”. É impossível passar pelos textos sem ter a vontade de buscar os poemas, os contos, as cartas, seu diário, de forma a descobrir uma autora original, literária, passional, biográfica, competente, e transgressora no que concerne a questionar os papéis sociais destinados à mulher, dentro da sociedade portuguesa no final do século XIX.

É possível surpreender-se ao descobrirmos mulheres que, mesmo sendo do mesmo círculo literário de Florbela, a invejaram por não terem o mesmo brilho e criatividade (p.24). Outras se inspiraram e se identificaram ao ponto de

¹ FERRO, Antonio, Florbela Espanca, *Diário de Notícias*, Lisboa, 24 de Dezembro de 1931, p.1 [recolha e digitalização do texto por Maria Lúcia Dal Farra].

estabelecerem correspondências entre os diversos discursos poéticos como Maria Guiomar Ávila em *Soneto a Florbela* de 1962.

A obra também nos permite conhecer a prosa de Florbela, através de seus contos, não tão divulgados quanto a sua poesia, e nem por isso menos atrativos, ou densos; ao contrário, foi uma forma que a Poeta encontrou para continuar sua produção em um mundo alardeado pela guerra, onde não era possível buscar a lírica para representar seus anseios, o que ganha sustentação nas palavras de Elisabeth Batista: “A reorientação do percurso literário da autora leva-nos, como ponto de partida, a olhar para o contexto histórico e cultural e perceber aspectos que contribuíram para a descontinuidade [...] o interesse pela poesia lírica foi diminuindo gradativamente” (p.14). Nesse sentido, a poeta se metamorfoseia e acaba sendo uma amálgama de vanguardas.

Numa breve apreciação de síntese, ao passear pelas páginas de *Callípole*, temos a impressão de estarmos diante de um castelo medieval com diversos compartimentos. A cada entrada uma nova Florbela nos é apresentada. Em alguns lugares, encontraremos a mulher sedutora, que vai à busca e à luta pelo seu amor sem máscaras sociais, escrevendo cartas de amor ao seu homem querido. Em outros, ela mostra a dualidade estética a partir de um novo modo de encarar dois marginais da sociedade, ser mulher e ser poeta, contribuindo para a emancipação da mulher portuguesa. Ao fechar uma porta, outra se abre, e uma nova mulher aparece. Agora ela é sofredora impregnada pela dor, sentindo em sua alma a própria pulsão de morte. Como assinala Maria Lúcia Dal Farra: “A dor é nos escritos de Florbela Espanca, tanto em prosa quanto em verso, um dos ingredientes mais íntimos e, de certeza, uma recorrência muito poderosa [...]” (Espanca, 2002, p.11)².

Ainda dentro deste castelo, vamos encontrar Florbela, muito preocupada com seus versos, quando nos deparamos com o texto de Concepción Delgado Corral “Florbela é meticulosa com os seus versos e não consente que ninguém lhes toque. Dá uma imagem de autêntica trabalhadora do verso” (p.105). Tinha um carinho especial por cada verso e por isso a busca incessante pelo verso perfeito, em “Tortura” do Livro de Mágoas vê-se a preocupação desesperada do eu lírico em expressar seu sentimento “Quem me dera encontrar o verso puro/O verso altivo e forte”. Mais além, em outro compartimento, encontramos Florbela escrevendo a

² ESPANCA, Florbela. *Afinado desconcerto*: contos, cartas e diário. Estudo introdutório, apresentações, organização e notas de Maria Lúcia Dal Farra. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

última frase em seu diário “e não haver gestos novos nem palavras novas!” (ESPANCA, 2007, p.41)³. Com essa saída de cena dramática, Florbela se torna musa. Acredito que o desejo de todo o poeta seja o silêncio. Nele se resolve toda a explicação do mundo. Quando toda a palavra disser o que tinha de ser dito, nada mais bastará para os poetas além da mudez. Nada haverá a dizer sobre o mundo, sobre o outro e, o pior, sobre si. Segundo Gonçalo Piolti Cholant, “Florbela diz numa frase que se exauriu de palavras e significados [...]” e, mais adiante, “A escrita feminina feita, de meias certezas e meias palavras [...] desenha este Eu cheio de complexidades, com a pretensão de ser mais simples” (p.101).

Cada pesquisador ou estudioso se coloca dentro desses ambientes e neles estabelece um diálogo com a Poeta, que nunca se esquiva de se fazer presente. Ela é a Princesa do Castelo que consegue transitar entre amores contraditórios, e o eu lírico, em alguns casos, parece buscar a felicidade com todos os limites que a vida lhe impõe. José Manuel de Vasconcelos cita que “A ânsia de reconhecimento pessoal e o desejo de ascensão a uma existência superior à das pessoas comuns é um motivo recorrente nesta poesia” e que “[...] a figura orgulhosa do Poeta como ‘Ser mais alto’, ‘ser maior /Do que os homens!’” (p.348) faz com que a poesia de Florbela esteja permeada de Palácios, Reinos, Tronos, Castelos e o eu lírico sempre em busca do *Prince Charmant* que jamais encontra. Com delicadeza, a poeta vai recebendo cada leitor e permite que interprete sua poesia e sua prosa, mesmo que não concorde com alguns, pois muitos não a entendem. Ela dá-se a conhecer e ao mesmo tempo se esconde, pois, como princesa que é, deve guardar na “Torre de Névoa” os mais eternos segredos da “Poetisa Eleita”.

Em traços largos, Florbela é apresentada, em *Florbela Espanca*: o espólio de um mito, como porta voz de uma geração que queria ter os mesmos direitos que os homens; é, por isso, precursora, como explicita Isa Margarida Vitória Severino “Num Portugal amordaçado, o seu espírito transgressor leva a que a figura da poeta se erija como um portentoso Legado” (p.311). Em sua poética, encontrou o caminho para dizer aquilo que pensava sobre os diversos sentimentos humanos. Buscou a forma do soneto, que é uma forma rígida, da mesma forma que era rígida a sociedade para com as mulheres, para extravasar todo o seu desejo de alçar voos mais livres. É até contraditório dizer, mas foi dentro desse “espartilho poético” tão

³ ESPANCA, Florbela. *O Diário*. Coimbra: Alma Azul, 2007.

bem definido por Dal Farra, que conseguiu mostrar toda a sua criatividade e genialidade deixando para trás o viés machista. Escandalizou alguns sim, mas o fez para dar voz ao processo de emancipação literária feminina que despontava em um Portugal fininsecular.

Quanto às cartas de amor, estas merecem um destaque especial, por serem inéditas e só virem a público em dezembro de 2008. Nas palavras de Dal Farra “O fato é que esta epistolografia revela-nos toda uma zona temporal até então obscura e desconhecida pelos estudiosos da Poetisa” (p.132).

As lacunas que, por ventura, possam ter esse trabalho são preenchidas com o texto de Lidia Jorge, quando afirma que a revisitação e divulgação da obra em prosa de Florbela, pela academia, tem contribuído “para inscrever a obra da autora num lugar de fraternas parcerias” (p.215), mas que há, ainda, muito para ser desvendado. Quanto às traduções, praticamente desconhecidas, ganham particular interesse no artigo de Chris Gerry, que alerta para a importância das traduções “[...] sobretudo na construção de um retrato o mais completo possível da sua vida e obra” (p. 163). De fato, a obra de Florbela em prosa ainda tem muito a oferecer e precisa de um estudo acadêmico mais aprofundado.

Em suma, *Florbela Espanca: o espólio de um mito*, para além da originalidade destas novas interpretações, é, pois, merecedor dos maiores elogios, visto que apresenta adequada estrutura de apresentação e uma linguagem por vezes límpida, por vezes bastante analítica. Revela grande rigor na análise das fontes documentais e elegância nos textos, que trazem uma coerente bibliografia dos assuntos. Dentro desse universo uma pergunta nos vem à mente: o que levaria tantos estudiosos a se interessarem por Florbela Espanca? Carisma? Coragem? Ou talento incontestável? O que é certo é que Florbela mostra, a cada nova leitura, o quão atual e instigante sua obra é, havendo ainda um amplo campo de estudo.

Faço, então, um convite ao leitor para também entrar nessa aventura, percorrer as páginas deste livro e, como eu, ficar surpreendido a cada nova descoberta e com as vicissitudes que o texto nos oferece. Muito tem sido escrito e produzido sobre Florbela Espanca, sendo possível dizer que este é um dos livros mais completos no que tange aos estudos, às pesquisas, e às mais diversas contribuições literárias que aqui se apresentam.